

Pelos jornaes

1. Coina

«Coina é povoação antiquissima, pois é a Equa-Bona dos romanos. D. Manoel deu-lhe foral a 15 de Fevereiro de 1516. Tinha juiz ordinario e misericordia e foi concelho, supprimido em 24 de Outubro de 1855. Teve sete igrejas, hoje não tem nenhuma. Tem uns 20 habitantes, amarellos e quasi sempre com febres, que mais parecem recém-chegados da Africa do que de uma povoação de onde se avista Lisboa. Palhaes foi terra importantissima. Em 1757 tinha 800 fogos, vasta igreja, feira annual que durava tres dias. Proximo estava o convento fundado em 1542 por D. Francisco da Gama, filho do grande descobridor do caminho maritimo para a India. Hoje é uma povoação decadente, com pouco mais de uns 20 fogos, e peor estaria se não fosse o Sr. Pacheco e outros que teem empregado os esforços e boa vontade para povoarem Palhaes. Para frisar bem o que acabamos de afirmar, vamos citar parte do relatorio elaborado pelo fallecido João Andrade Corvo, apresentado ao Ministro do Reino e publicado em 1860. Entre outras cousas diz: Coina em 1763 tinha 170 fogos ou proximamente 500 habitantes; em 1822, isto é, 60 annos depois, e passados 12 a 14 de cultura de arroz, Coina tinha só 65 fogos com 150 habitantes; em 1849, isto é, mais 27 annos de cultura de arroz, Coina estava reduzida a 46 habitantes. Calculando a população média de Coina pelos 3 annos de 1849, 1850 e 1855, acha-se que ella é de 65 individuos; pode ainda reconhecer-se que esta minguada população é renovada por individuos vindos de outras localidades. Numa população média de 65 individuos houve 61 obitos e 37 nascimentos.

Por aqui se vê a salubridade de Coina, valle de Zebro e Palhaes, e apesar de se terem extinguido os arrozaes, existem ainda os pantanos miasmaticos, focos de febres ou sezões que teem victimado os filhos da terra, habituados ao clima, e com mais razão hão de victimar aquelles que para aqui são mandados fazer serviço. Não está longe o tempo (Julho, Agosto e Setembro) de se fazerem sentir os effeitos da salubridade, e então conhecerão os erros de collocar em Valle de Zebro uma das primeiras escolas do país. Será muito bom para quem ali vá de visita, demorando-se pouco tempo; mas para os desgraçados obrigados a estarem ali permanentemente, é condemná-los a morrer. Se ainda é tempo de remediar este mal, aconselhamos que o façam, para poupar vidas e dinheiro ao Estado».

(*Vanguarda* de 12 de Maio de 1902).

2. Achado de moedas ao pé de Villa Real

«No monte da Raposeira, em Villa Real, foram encontradas algumas moedas antigas de ouro e prata e duas ossadas humanas.

Este achado fez-se enquanto se procedia a umas escavações».

(*Correio da Noite* de 14 de Agosto de 1902).

3. O antigo cemiterio na freguesia dos Anjos. — Um appello ao Rev. Prior da mesma freguesia

«Devem começar em breve os trabalhos para o aterramento do local, junto á Igreja dos Anjos, onde até o reinado de D. Maria II se enterraram os cadaveres dos moradores d'aquella freguesia. O terreno foi, como é sabido, cedido pela Irmandade do Santissimo á Camara Municipal pela quantia de 500\$000 réis. Até 1811 o espaço de terreno era muito pequeno, sendo naquella epoca alargado com a aquisição, por assim se tornar necessario, do maior espaço, cujo dispendio foi custeado pela Irmandade de Santo André e Almas. Ainda ali se conserva numa pedra gravada a data de 1811, como recordação das obras do alargamento.

Conta-se que, procedendo-se ainda não ha muitos annos á construcção de um pequeno muro, que ainda hoje existe, foram encontrados ossos em tão grande quantidade que se tornou indispensavel a abertura de uma valla para os enterrar.

Diz-se igualmente que dos muitos corpos ali enterrados ainda hoje ha descendentes vivos naquella populosa freguesia.

Já aqui apresentámos o alvitre, no qual insistimos, de a Irmandade do Santissimo mandar proceder, sem perda de tempo, á remoção das ossadas d'aquelle cemiterio para o do Alto de S. João, com o que gastaria bem pouco dinheiro. Seis caixões grandes de madeira ordinaria seriam por certo os sufficientes para receberem todas as ossadas.

Ora, recebendo a Irmandade do Santissimo 500\$000 réis pela cendencia do terreno, não seria extraordinario que d'esta quantia tirasse 20\$000 ou mesmo 40\$000 réis para a remoção das ossadas, tanto mais que a venda do terreno do antigo cemiterio não póde nem deve ser considerada «como venda» dos corpos ali enterrados. O terreno vendeu-se é facto; agora o que em nome da caridade e da religião tem de sair d'ali são as ossadas, para que não digam os criticos e os maldizentes que foi uma venda completa.

Alem de tudo isto, aterrado o antigo cemiterio e dado o caso que por desleixo ou esquecimento, que o não póde haver, se não faça a remoção das ossadas, mais tarde, quando a Avenida dos Anjos estiver

concluída, tornar-se-ha necessaria a construcção de um collecter, e, assim, teremos os ossos dos que em vida foram bons catholicos e que sem duvida contribuiram para as obras e festividades naquella igreja, a servirem de ponto de apoio e de argamassa ao mesmo collecter!

Ora tudo isto poderá ser o que quizer, mas de religioso e decente é que não tem a minima sombra!

Portanto, para este assunto, a nosso ver importante aos interesses da religião, chamamos a attenção do Rev. Prior da freguesia dos Anjos, sacerdote muito digno e illustrado, para que influa, quanto possa e estiver na sua alçada, a fim de levar a Irmandade do Santissimo a proceder, embora com a maxima economia, mas com brevidade e como lhe compete, á completa remoção das ossadas do antigo cemiterio para o cemiterio municipal».

(*Diario de Noticias* de 20 de Outubro de 1902).

4. O convento de Ferreira de Aves

«Será vendido no dia 23 do corrente em hasta publica, no Ministerio da Fazenda, o edificio do Convento de Santa Eufemia, situado no concelho de Satam, freguesia de Ferreira de Aves.

A base de licitação é de 375,5000 réis.

Está em ruinas com parte dos muros em terra, portas, madeiramento e telha roubados, etc.

Ha sete annos, quando falleceu a ultima freira, valia alguns contos de réis. Hoje pouco vale».

(*Diario de Noticias* de 6 de Novembro de 1902).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Mosaicos romanos de Portugal

Sob esta epigraphe vae reunir-se n-*O Archeologo* uma serie de artigos a respeito de mosaicos romanos encontrados em Portugal. Alguns d'estes artigos são reproducção de outros já publicados; mas tambem se incluirão aqui artigos ineditos.

Se as antiguidades romanas, de qualquer natureza, tem sempre muita importancia, porque ajudam a recompor o quadro social de epochas passadas, das quaes ás vezes mui poucas ou nenhuma outras noticias possuimos, e porque constituem em particular documentos historicos das localidades em que apparecem, os mosaicos gozam da vantagem especialissima de nos conservarem testemunhos quasi directos da pintura antiga, por serem a fórma artistica que mais se aproxima d'ella; o seu valor é ainda realçado quando representam scenas mythologicas, usos da vida, enfim, quando são figurados.